

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A legitimação da objetificação e da violência contra as mulheres em O Conto da Aia

Andressa Rodrigues da Silva

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.18089>

Submetido em: 2026-09-17

Postado em: 2026-09-18 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A legitimação da objetificação e da violência contra as mulheres em *O Conto da Aia*

The legitimation of objectification and violence against women in The Handmaid's Tale

Andressa Rodrigues da Silva 1

Universidade Estadual de Goiás

andressa.rs.sci@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-3258-9907>

Resumo:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a correlação entre discurso religioso e objetificação e violência de gênero na obra *O Conto da Aia*, de Margaret Atwood, publicada em 1985, e em sua adaptação televisiva criada por Bruce Miller, exibida a partir de 2017. A narrativa apresenta uma realidade distópica em que o pânico gerado pela queda nas taxas de natalidade leva as elites estadunidenses a instaurarem um regime teocrático e totalitário. Nesse contexto, a liberdade e os direitos das mulheres são sistematicamente suprimidos e elas passam a ser reduzidas à condição de propriedades e objetos do Estado, utilizadas principalmente como instrumentos de reprodução e ordem. As práticas violentas e opressivas são justificadas por meio de interpretações misóginas de textos sagrados, em nome de Deus e da preservação da ordem social. Tal obra é carregada de violências, principalmente contra as mulheres, elucidando práticas misóginas e sexistas. Neste trabalho, me proponho a caracterizar e apontar como o discurso religioso atua como um recurso de legitimação da objetificação do corpo feminino e da violência contra as mulheres dentro desse sistema opressor criado por Atwood, em *O Conto da Aia*. Para tanto, faz-se necessária uma apresentação da obra, da sociedade distópica criada pela autora e de suas personagens, com ênfase nas figuras femininas, a fim de compreender as referências e as discussões que dela decorrem.

Palavras-chave: Discurso religioso; Tradição religiosa judaico-cristã; Misoginia.

Abstract:

This paper aims to analyze the correlation between religious discourse and the objectification and gender-based violence in Margaret Atwood's *The Handmaid's Tale*, published in 1985, and its television adaptation created by Bruce Miller, aired from 2017 onwards. The narrative presents a dystopian reality in which the panic generated by the decline in birth rates leads the American elites to establish a theocratic and totalitarian regime. In this context, women's freedom and rights are systematically suppressed, and they are reduced to the condition of property and objects of the State, being used primarily as instruments of reproduction and order. The violent and oppressive practices are justified through misogynistic interpretations of sacred texts, in the name of God and the preservation of social order. This work is marked by various forms of violence, particularly against women, exposing misogynistic and sexist practices. In this paper, I propose to characterize and demonstrate

how religious discourse acts as a tool for legitimizing the objectification of the female body and violence against women within this oppressive system created by Atwood in *The Handmaid's Tale*. To this end, it is necessary to present the work, the dystopian society created by the author, and its characters, with emphasis on female figures, in order to understand the references and discussions that arise from it.

Keywords: Religious discourse; Judeo-Christian religious tradition; Misogyny.

INTRODUÇÃO

Em romances distópicos, são apresentados questionamentos políticos que levam o leitor a observar o presente histórico, bem como o momento da narrativa. Dentro dessas narrativas, encontram-se espaços caóticos, governos totalitários, ambientes destruídos e qualidade de vida em níveis baixos para grande parte da população (Krüger; Marques, 2018, p. 513-514).

O Conto da Aia (1985), escrito por Margaret Atwood, tornou-se um marco da ficção distópica contemporânea. Na obra, a liberdade e os direitos das mulheres são sistematicamente suprimidos e elas passam a ser reduzidas à condição de propriedades e objetos do Estado, utilizadas principalmente como instrumentos de reprodução e ordem. As práticas violentas e opressivas são justificadas por meio de interpretações misóginas de textos sagrados, em nome de Deus e da preservação da ordem social.

Este artigo tem como objetivo analisar a legitimação da objetificação e da violência contra as mulheres, por meio do discurso religioso, em *O Conto da Aia*. Para tal, apresenta-se a obra e a conjuntura política criada pela autora; discute-se o conceito de religião e a representação de figuras femininas bíblicas; e caracteriza-se o modo como a religião e o discurso religioso atuam como recurso legitimador da ordem social na obra de Atwood e na adaptação televisiva criada por Bruce Miller.

2. RELIGIÃO E DISCURSO RELIGIOSO

Para fundamentar a análise do uso instrumental da tradição religiosa em *O Conto da Aia*, parte-se da concepção sociológica de Émile Durkheim (1996), para quem a religião constitui um “sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas,

crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem”. Nessa perspectiva, o sagrado não se define pela existência de uma divindade, mas pela eleição coletiva de elementos tratados com respeito cerimonial, rigidamente separados do domínio profano.

Esse sistema religioso institucionalizado opera, no plano da linguagem, por meio do que Orlandi (1996) identifica como discurso religioso. Trata-se de uma forma discursiva que se estabelece a partir de “uma relação espontânea com o sagrado”, o que lhe confere um caráter de aparente naturalidade, em contraste com a rigidez do discurso teológico, considerado “mais formal” por realizar a mediação “por uma sistematização dogmática das verdades religiosas” (Orlandi, 1996, p. 246-247).

É importante destacar que, neste trabalho, quando me refiro a discurso religioso, estou me referindo especificamente às interpretações que emanam das tradições religiosas ocidentais e majoritariamente cristãs que servem de fundamento à sociedade norte-americana retratada por Atwood, autora da obra a ser analisada, e não às religiões de forma universal.

A interpretação dos textos sagrados, como a Bíblia, sempre teve um papel central na formação de conceitos, doutrinas e práticas religiosas nas sociedades de matriz judaico-cristã. Além disso, o pensamento religioso e a leitura da Bíblia influenciam diretamente a forma como as visões e percepções políticas são construídas.

O discurso político, marcado por ideologias, muitas vezes se apoia em elementos retirados da interpretação bíblica para justificar ou reforçar determinadas posições. O discurso religioso em análise reivindica autossuficiência e autoconstituição, porque a autoridade vem do Deus cristão e as leis estão de acordo com um livro sagrado, que não deve ser contestado por quem acredita nele.

A religiosidade, portanto, está relacionada diretamente com a organização social, com a vida em comunidade, com a cultura e com a política (Sousa, 2017, p. 3). É por isso que, ao analisar o discurso religioso dentro da obra *O Conto da Aia*, é importante levar em conta a realidade social em que a religião está inserida no regime político criado por Atwood.

3. OBRA A SER ANALISADA

Em sua coletânea, *Alvos em movimento* (2004), Atwood problematiza os limites entre ficção e realidade ao descrever *O Conto da Aia* como um estudo do poder e uma ficção especulativa que se

apresenta como uma extensão lógica do momento presente. É um estudo do poder porque a sociedade é tomada pelo discurso religioso de líderes totalitários. É ficção especulativa, e não científica, porque mostra referências do passado, “oferecendo o cenário ideal para discussões sobre alteridade, opressão e hegemonia, especialmente nos eixos de gênero e raça” (Matthews, 2018, p. 3, tradução minha).

A autora não criou uma realidade alternativa, e sim trouxe acontecimentos da sua própria realidade e do mundo à sua volta e os inseriu neste livro. E para entender certos aspectos da obra, as referências nela presentes e as discussões decorrentes dela, é preciso primeiro entender melhor sobre o que se trata *O Conto da Aia*, a sociedade criada pela autora e seus personagens, com foco especial nas personagens femininas.

3.1 O enredo

Em *O Conto da Aia*, Margaret Atwood apresenta uma nova conjuntura política, onde o que antes era chamado de Estados Unidos da América, agora se transforma na República de Gileade. Essa transformação decorre de um golpe de Estado, liderado por extremistas religiosos conhecidos como “Filhos de Jacó”. O golpe foi organizado e executado sob o pretexto de enfrentar a crise da baixa taxa de natalidade — resultado de poluição, doenças e problemas de fertilidade — e de retirar o país da corrupção e das ameaças de guerra (cf. Atwood, 2017, p. 365-366).

Em decorrência aos ataques, houve a declaração de estado de emergência e a suspensão da Constituição (cf. Atwood, 2017, p. 213), colocando a sociedade sob a égide do novo cenário político, em que a violência física e mental se tornaram constantes e justificadas por uma interpretação particular de crenças bíblicas, transformadas em leis.

O pânico gerado pela diminuição da natalidade leva as elites a imporem um regime opressivo, onde a liberdade e os direitos das mulheres são violados e suprimidos, transformando-as em ferramentas de reprodução, trabalho e ordem, justificando suas práticas em nome da preservação da sociedade e da continuidade da espécie. Nesse cenário, as mulheres férteis são forçadas a se tornarem Aias, que são mulheres que exercem o papel de reprodutoras para as famílias de homens com poder aquisitivo e social em Gileade.

A história de Atwood gira em torno do relato da personagem principal, uma das vítimas da opressão instaurada em Gileade. No decorrer dos acontecimentos, acompanha-se as experiências

vividas por June (ou Offred, como é chamada na função de Aia), que refletem o desespero pela falta de liberdade, contrastando com seus esforços para encontrar valor e significado em suas relações, mesmo em meio à opressão.

Muitas das ideologias presentes na obra criticam as estruturas patriarcais que sustentam a opressão das mulheres. As visões sobre papéis de gênero, a necessidade de controle social e a rivalidade entre mulheres refletem uma ideologia que busca justificar a desigualdade e a subjugação. Assim, a narrativa de Atwood não apenas retrata a realidade distópica vivida pelas personagens, mas também serve como uma crítica contundente às ideologias que alimentam tais dinâmicas de opressão, rivalidade e violação.

A adaptação televisiva de *O Conto da Aia* estreou no serviço de vídeo sob demanda Hulu, em 2017, refletindo a atemporalidade da produção. Criada por Bruce Miller, a primeira temporada da série foi exibida no Brasil em 2018 pelo canal de televisão por assinatura Paramount Channel e em 2019 foi disponibilizada na plataforma Globoplay.

Neste artigo, optei por fazer uma análise intersemiótica, que se vale tanto da obra escrita por Atwood quanto da adaptação televisiva criada por Miller. O romance é restrito à narração em primeira pessoa e subjetiva de June/Offred, que é marcada pelo trauma e pela desinformação. A narrativa dele é focada no desenvolvimento interno da protagonista, com capítulos que funcionam como episódios de reflexão, enquanto que a série utiliza uma narrativa onisciente, trazendo o ponto de vista de muitos outros personagens, construindo um panorama mais completo e detalhado do funcionamento político, social e ideológico da teocracia.

Busquei aqui focar nos pontos em que livro e série convergem na representação do discurso religioso como instrumento de dominação. A série, por ser uma mídia visual, explicitou certas violências de forma mais gráfica, o que reforça a crítica, mas a base ideológica é a mesma.

3.2 A República de Gileade

Em *O Conto da Aia*, os Filhos de Jacó consideram a crise da fertilidade e as mudanças climáticas nos EUA e no mundo como um castigo divino pelos pecados da humanidade e, especialmente, das mulheres. Por isso, são contra os direitos reprodutivos para as mulheres, como controle de natalidade ou aborto. Da mesma forma, eles se opõem ao divórcio, às relações

homoafetivas e a qualquer atividade ou relacionamento sexual fora do casamento. Praticam-se casamentos arranjados e defendem abertamente o recato feminino, a restrição das mulheres casadas ao lar e os papéis tradicionais de gênero, onde apenas os homens têm acesso à informação, à educação ou à posse de cargos de autoridade.

O regime de Gileade com todo seu tradicionalismo extremista não só discrimina, como tenta exterminar todas as minorias nessa nova sociedade. As mulheres são caladas e exploradas, pessoas da comunidade LGBTQIAP+ são perseguidas e mortas, imigrantes só são tolerados se tiverem alguma serventia laboral no regime. A religião, Deus e os livros sagrados são usados para justificar toda essa discriminação e violência.

Nessa República, a religião pregada é uma forma de cristianismo fundamentalista (Armstrong, 2009). O fundamentalismo religioso de Gileade não se baseia apenas nos princípios cristãos, mas sim em uma agregação de ideias de religiões ocidentais, unindo o patriarcado do Velho Testamento com o Puritanismo Protestante e com os valores tradicionais da nova Direita. Essa união de valores é então utilizada para reforçar os papéis de gênero, garantindo a hegemonia masculina que controla o corpo das mulheres e estabelece como norma os costumes heteronormativos.

A interpretação específica e rigorosa que fazem do cristianismo nessa sociedade, enfatiza a importância de certas doutrinas e valores, muitas vezes de forma literal e inflexível. Como consequência, a intolerância religiosa se faz muito presente. Ateus, judeus ou qualquer pessoa que demonstre apoiar outra religião também são perseguidos, mortos e tem seus cadáveres expostos nos muros para intimidar e desencorajar comportamentos considerados heréticos (cf. Atwood, 2017, p. 245).

A violência é comumente disfarçada de religião, já que a Bíblia, de fato, contém muitos textos que “explicitamente incitam e comandam atos de violência, discriminação e exclusão em nome de Deus, aos quais ainda hoje se recorre para justificar atitudes e atos semelhantes.” (Dietrich, L. J., 2024, p.3). E é, por isso, que, na obra de Atwood, grupos sociais dominantes, principalmente homens no poder, usam a religião como instrumento de legitimação da violência contra grupos sociais menos favorecidos.

3.3 O Sistema de Estamento na Obra

A sociedade de Gileade, é caracterizada por uma hierarquia bem definida e papéis sociais fixos, em que cada indivíduo desempenha uma função específica que contribui para a manutenção do sistema. Em Gileade, os cidadãos são divididos em categorias baseadas em gênero e função, tendo grupos que ocupam posições sociais mais altas e grupos sociais menos favorecidos.

Na organização do regime de Gileade, os homens ocupam diversos papéis privilegiados com relação às mulheres, sendo eles: Comandantes, Olhos, Anjos e Guardiões, obedecendo respectivamente a uma ordem de importância.

Os **Comandantes** ocupam o topo da hierarquia, sendo líderes da sociedade e responsáveis pela criação das leis de Gileade. Dentre as características de suas vestimentas, destaca-se a cor preta, que revela a sobriedade e o posto de chefia. Cada comandante tem uma Esposa – geralmente incapaz de ter filhos –, uma Aia, uma Martha e um Guardião/motorista.

Outros cargos ocupados por homens – **Olhos, Anjos e Guardiões** – operam para garantir que todas as leis sejam seguidas. Como em todo regime totalitário, a vigilância é constante, e esses homens são responsáveis por manter a ordem em Gileade.

As mulheres, por sua vez, servem a papéis sociais divididos nos seguintes estamentos: Esposas, Tias, Marthas, Aias e Não Mulheres. Todas as mulheres são submissas aos seus maridos, Comandantes e ao Estado, sendo privadas de ler, escrever ou ter acesso a qualquer produto cultural.

As **Esposas** são mulheres dos Comandantes e, embora possuam um alto status social, são subjugadas e não têm poder real na sociedade. Também existem as **Econoesposas**, que são esposas de homens das camadas mais baixas na sociedade, elas são forçadas a acumular funções (doméstica, reprodutiva e sexual). As vestimentas das Esposas se destacam pela tonalidade de azul, simbolizando pureza e submissão.

As **Tias** são responsáveis por treinar e “pacificar” as Aias e manter a doutrinação de Gileade. Elas têm um grau de autoridade sobre as Aias, mas ainda são subordinadas às Esposas e aos Comandantes.

As **Marthas** são responsáveis pelas tarefas domésticas. Elas desempenham um papel essencial na manutenção do lar dos Comandantes. Cada Martha possui um documento de identificação que indica a propriedade da família a qual pertence, reforçando a ideia de que são propriedades e não indivíduos. Essa característica evidencia a falta de autonomia e os direitos limitados que as Marthas têm dentro do sistema.

As **Aias**, por sua vez, são mulheres designadas para a reprodução. Elas são submetidas a um treinamento rigoroso e violento, que inclui uma lavagem cerebral repleta de traumas físicos e psicológicos. Cada Aia é marcada na orelha com um símbolo, conhecido como marca ou *tag*¹, que a identifica e indica sua função. Essa marcação serve para desumanizá-las e controlá-las, simbolizando sua subordinação.

Logo no início do romance, a imposição da identidade das Aias é descrita com um tom de resignação e estranhamento pela protagonista ao falar de suas vestimentas. Ao vestir-se, ela detalha minuciosamente cada peça do uniforme:

Eu me levanto da cadeira, avanço meus pés para a luz do sol, até os sapatos vermelhos, sem salto para poupar a coluna e não para dançar. As luvas vermelhas estão sobre a cama. Pego-as, enfio-as em minhas mãos, dedo por dedo. Tudo, exceto a touca de grandes abas ao redor de minha cabeça, é vermelho: da cor do sangue, que nos define. A saia desce à altura de meus tornozelos, rodada, franzida e presa a um corpete de peitilho liso que se estende sobre os seios, as mangas são bem largas e franzidas. As toucas brancas também seguem o modelo padronizado; são destinadas a nos impedir de ver e também de sermos vistas. Nunca fiquei bem de vermelho, não é a minha cor (Atwood, 2017, p. 18).

Cada Aia sofre a perda de sua pessoalidade e condição de sujeito, sendo privada de quem era e obrigada a se tornar uma representação viva dos valores que é forçada a seguir. Para isso, são obrigadas a usar apenas roupas vermelhas, símbolo de sua condição fértil. Essa cor é destacada de tal forma que elas podem ser vistas de longe, impossibilitando qualquer tentativa de fuga. Elas usam toucas brancas que cobrem seus cabelos (considerados símbolo da sexualidade) e um chapéu de abas largas que limita sua visão, impedindo-as de olhar para os lados. Além disso, o chapéu tem a função de ocultar o rosto e reforçar a ideia de anonimato, contribuindo para a desumanização das Aias. Elas também usam botas pesadas, que dificultam ainda mais a possibilidade de correr em uma possível fuga.

As Aias devem seguir regras de comportamento e discurso extremamente restritas, sem demonstrar afetos ou expressar ideias próprias. Uma Aia não é uma mulher individual; ela é coletiva. Até mesmo seu nome não lhe pertence mais. Ela não é alguém; ela é de alguém. É assim

¹ tag significa, em inglês, um pequeno pedaço de papel, pano ou metal com informações, amarrado ou colado em algo maior.

que conhecemos Offred, personagem principal da obra, que antes de Gileade se chamava June. O nome Offred dado a ela vem de “*of Fred*”, que significa "de Fred", o Comandante a quem ela serve. Offred é vista e tratada como um objeto nessa sociedade; ela existe apenas para gerar um filho para seu Comandante e a Esposa dele.

As **Não-Mulheres** são aquelas que não podem engravidar, abrangendo mulheres que foram consideradas inadequadas para os papéis impostos pela sociedade de Gileade. Diferentemente de todas as outras classes, as Não-Mulheres não têm permissão para viver em sociedade e são exiladas para as Colônias, áreas marcadas por alta radiação e condições extremamente hostis, resultando em uma expectativa de vida muito curta. As Colônias são um símbolo da punição severa e da desumanização a que as mulheres são submetidas em Gileade.

No presente trabalho, utilizarei a nomeação das personagens de acordo com a identidade expressa no contexto da fala ou cena citada. Assim, ao considerar as falas das mulheres antes de exercerem uma função em Gileade, empregarei seus verdadeiros nomes (por exemplo, June, Janine e Moira). Ao citar falas das mulheres na função de Aias, usarei seus nomes reais e suas identificações posicionais (por exemplo, June/Offred). Algumas mulheres incorporam a função naturalmente em seus nomes (como Tia Lydia), enquanto outras, de posições sociais mais altas, são designadas como no regime antigo, utilizando apenas seu primeiro nome (como Serena) ou o pronome de tratamento junto com o sobrenome do marido (como Sra. Waterford).

4. AS MULHERES NA BÍBLIA E EM GILEADE

No mito da criação, há a primeira grande figura feminina da Bíblia: Eva. Por ter sido a primeira a ter contato com a serpente, personificação do mal, do Jardim do Éden, Eva representa tudo que a mulher não deve ser, a que levou ao pecado original, na teologia judaico-cristã. Por conta disso, recaiu sobre a mulher o estigma da transgressão, o que “levou-a a ter sua sexualidade vigiada e reprimida, além do policiamento de seu comportamento na sociedade, tanto na esfera pública, quanto na esfera privada” (Carvalho, 2020, p. 53).

Outra grande figura feminina que a Bíblia traz é Maria. Maria é imaculada, é a figura ideal da mulher, segundo textos religiosos; é uma mulher de fé, que cumpriu seu propósito diante a Deus concebendo Jesus Cristo. É interessante pontuar a diferença entre essas duas figuras femininas

retratadas na Bíblia, já que “[...] a Igreja procura identificar Eva com aquilo que a mulher é e Maria com aquilo que a mulher deveria ser” (Ribeiro, 2000, p. 1-2), ou seja, uma é o símbolo do pecado e a outra da fé.

Outras figuras femininas que se destacam na Bíblia são Sara, Raquel e Jezabel. Sara, por ser estéril, ofereceu sua serva para gerar um filho para Abraão, e assim nasceu o primeiro herdeiro dele. Contudo, aos 90 anos, Sara deu à luz ao herdeiro legítimo de Abraão, considerado uma bênção de Deus. A história de Raquel é parecida com a de Sara. Ela enfrentou uma luta contra a infertilidade, e por isso ofereceu a ele a sua serva Bila, com quem Jacó teve um filho. Posteriormente ela foi abençoada com dois filhos.

Jezabel, por outro lado, foi uma figura feminina retratada como uma rainha muito má, que promoveu a idolatria, estabeleceu práticas pagãs e matou muitos profetas. Na obra de Atwood, inclusive, seu nome é usado como um adjetivo pejorativo, associado a uma mulher manipuladora, falsa e promíscua; é também o nome de um bordel clandestino em Gileade, conhecido como Casa de Jezabel, reforçando ainda mais sua conotação negativa.

Essas representações femininas, o mito da mulher fiel a Deus, boa, familiar, materna, e o símbolo da mulher pagã e má, assim como o tabu da ligação da mulher com a sexualidade, tecem um imaginário extremamente sexista e puritano na sociedade majoritariamente cristã. Assim como a masculinidade hegemônica, decorrente principalmente das figuras masculinas da Bíblia, justifica a subordinação de outras formas de ser homem, justifica também a dominação e a violência contra a mulher.

Ao longo da pesquisa, notei semelhanças significativas entre figuras femininas da Bíblia e personagens femininas de *O Conto da Aia*. Embora pertençam a contextos sócio-históricos distintos, algumas dessas figuras compartilham traços de comportamento e experiências semelhantes no que diz respeito à função social e simbólica da religião. A partir disso, apresento algumas das personagens femininas centrais da narrativa de Atwood: Serena, June, Moira, Emily, Lillie e Lydia.

Serena Joy Waterford teve papel importante na consolidação do regime por atuar, antes do golpe, como ativista religiosa conservadora que defendia a mulher restrita ao lar, à maternidade e à procriação (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 6, temporada 2, min. 30:10). Em Gileade, ela ocupa o papel de Esposa, administrando a casa e participando da lógica de exploração das Aias para gerar filhos para o marido. Serena é firme, muitas vezes cruel com aqueles que estão abaixo dela na

hierarquia, mas também é silenciada pelo próprio sistema que ajudou a sustentar: mesmo sendo uma mulher culta e escritora, é proibida de ler, escrever e participar da vida pública. Sua trajetória evidencia como mulheres que ajudaram a defender ideologias conservadoras também podem ser atingidas e violentadas pelo regime que contribuíram para fortalecer.

June Osborn, antes do golpe, trabalhava como editora, era casada com Luke e mãe de Hannah. Por não se encaixar no ideal tradicional de mulher defendido por Gileade, tem a filha sequestrada, é presa e transformada em Aia por ser fértil. Ao longo da narrativa, June reage com hostilidade e raiva à violência que sofre, sem conseguir se adaptar ao regime. Aos olhos de Gileade, ela é ao mesmo tempo uma mulher pecadora, por sua vida anterior, e uma mulher valiosa, por sua fertilidade, sendo reduzida à função reprodutiva.

Moira, melhor amiga de June, também é presa e forçada a se tornar Aia por possuir histórico de fertilidade. Lésbica e insubmissa, ela se torna uma figura de resistência entre as Aias ao escapar do centro de treinamento de Aias. Posteriormente, é levada para a Casa de Jezabel, bordel frequentado por homens poderosos de Gileade, onde mulheres são exploradas sexualmente como alternativa às Colônias. Moira consegue fugir novamente e, já no Canadá, passa a colaborar com a resistência.

Emily é professora universitária, lésbica, casada e mãe. Em Gileade, torna-se Aia por ser fértil e passa a ser chamada de Ofglen (propriedade do Comandante Glen). Ao se envolver com uma Martha, é punida com violência física, enquanto a outra mulher é executada por “traição de gênero”. Depois disso, Emily se rebela, mata um guarda e é enviada às Colônias. Sua trajetória simboliza a punição destinada às mulheres consideradas desviantes por Gileade: Emily é silenciada, violentada, mutilada, torturada e escravizada, tornando-se um dos exemplos mais contundentes da violência do regime.

Lillie Fuller substitui Emily no posto de Ofglen e passa a acompanhar June/Offred nas caminhadas ao mercado. Antes de Gileade, era garota de programa e vivia em situação de extrema vulnerabilidade, o que faz com que enxergue o novo regime com certa ambivalência, já que ele lhe oferece aquilo que antes lhe faltava: comida, abrigo e alguma estabilidade. Sua trajetória evidencia como mulheres submetidas a contextos distintos também constroem relações diferentes com o regime e com a própria resistência. Mais tarde, Lillie é punida com a mutilação da língua e morre ao explodir uma bomba durante a inauguração de um novo Centro Vermelho, sendo vista por algumas como heroína e por outras como pecadora.

Lydia, chamada de Tia Lydia em sua função, é a responsável pelo treinamento, disciplina e vigilância das Aias no Centro Vermelho (cf. Atwood, 2017, p. 90-94). Na narrativa, ela representa a figura feminina que incorpora e reproduz o discurso do regime, justificando a violência como meio necessário para garantir a procriação e a manutenção de Gileade (cf. Atwood, 2017, p. 141-143). Embora em alguns momentos aparente cuidado, Lydia se destaca sobretudo por sua atuação na doutrinação e punição das Aias, funcionando como uma das principais vozes da legitimação religiosa da violência.

A apresentação dessas personagens é importante porque evidencia como Atwood constrói, em Gileade, diferentes figuras femininas atravessadas pela religião, pela objetificação e pela violência. A imposição de um ideal religioso feminino recai sobre todas elas: tanto sobre as que dele se desviam, sendo punidas e marginalizadas, quanto sobre aquelas que o defendem e reproduzem, mas acabam igualmente submetidas à violência física e psicológica do regime. A partir disso, cabe discutir mais diretamente o discurso religioso como elemento de justificação da violência em *O Conto da Aia*.

5. ANÁLISE DA OBRA

A República de Gileade em si é uma sociedade patriarcal radical. O patriarcalismo é definido na teoria feminista como o

[...] controle e repressão da mulher pela sociedade masculina e parece constituir a forma histórica mais importante da divisão e opressão social. É um vazio conjunto universal de instituições que legitimam e perpetuam o poder e a agressão masculina (Bonnici, 2007, p. 198).

Em Gileade, o isolamento promovido pelo patriarcado e a imposição do trabalho que relega as mulheres à periferia doméstica faz com que elas mesmas se odeiem e se agridam.

Em *O Conto da Aia*, a Tia Lydia fala muito sobre as mulheres serem a perdição do mundo, por, principalmente, não seguirem a Deus e as palavras da Bíblia. Ela vincula a dificuldade de engravidar a uma suposta libertinagem sexual e, conseqüentemente, a práticas abortivas frequentes (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 1, temporada 1, min 16:11). Tia Lydia atribui às mulheres a responsabilidade não apenas pela infertilidade feminina, mas também pela impotência masculina,

alegando que a conduta promíscua das mulheres induzia os homens ao adultério e aos riscos de propagação de doenças sexualmente transmissíveis, afinal em Gileade “um homem estéril não existe, não oficialmente. Existem apenas mulheres que são fecundas e mulheres que são estéreis, essa é a lei” (Atwood, 2017, p. 79). Tudo isso, no contexto da obra, são crimes imperdoáveis e só se resgata a alma de uma mulher assim fazendo-a se converter e exercer bem sua função, ou então com tortura ou morte.

A desigualdade de gênero no discurso religioso é apresentada como punição à mulher por conta do que Eva fez. Quando “[...] justificada no discurso judaico-cristão do Gênesis, como a maldição bíblica de Eva, indutora de Adão ao pecado, a dominação sobre a mulher aí se associa ao estado de desordem na criação, nisto diferindo da ideologia da naturalização” (Campos, 1992, p. 115).

França e Priori (2022, p. 83) falam sobre legitimação da violência usando a religião e essa naturalização que decorre dos textos religiosos dizendo que:

[...] a naturalização da dominação masculina viabiliza a ausência de uma justificação científica, devido principalmente ao fator religioso, que lhe atribui o valor dogmático. [...]. Logo, é possível verificar que o patriarcalismo, mesmo não possuindo explicações fundamentadas, alça o homem a um nível superior ao da mulher, valendo-se da religião como justificativa que, pelo seu caráter dogmático, não é suscetível de questionamentos.

Estabelecer isso é importante para entender a raiz do discurso religioso por regimes autoritários, que tratam a mulher como objeto e com violência. Se em um texto sagrado é dito que a mulher, ao fazer algo errado, merece ser dominada e punida — e isso desde antes de Cristo —, fica fácil justificar qualquer violência contra a mulher utilizando esse mesmo texto. Entendendo a raiz desse discurso, discutirei agora como ele é utilizado para objetivar e violentar as mulheres na obra de Atwood.

5. 1 O discurso religioso como instrumento de justificação da objetificação e violência contra as mulheres

A República de Gileade é uma teocracia, um regime em que Estado e Religião são fundidos. A religião serve como instrumento de justificação social. Nesse sistema, crenças religiosas e práticas espirituais servem como base para legitimar normas, comportamentos, valores e estruturas sociais, moldando e controlando a organização da sociedade.

Em Gileade, as mulheres são submetidas a diversas formas de objetificação, ou seja, são reduzidas a funções específicas e tratadas como coisas ou instrumentos, não como pessoas completas. Elas também são vítimas de diversas formas de violências que refletem a estrutura opressora do regime. Abordarei a seguir alguns tipos de objetificação e violências identificadas nessa nova sociedade em *O Conto da Aia*.

5.1.1 As mulheres como objeto sexual

A base dessa nova República criada após o golpe de Estado é o retorno a tradições originais, sem o uso de tecnologia, com as mulheres exercendo os papéis de esposa, mãe e cuidadora do lar, fazendo pão com as mãos, promovendo uma alimentação saudável para a família, vivendo uma vida sem pecados, com princípios morais e com um propósito maior, seguindo as palavras e vontade de Deus, segundo sua crença.

Apesar do regime dizer que quer proteger as mulheres da promiscuidade da vida antes de Gileade, elas são hipersexualizadas sob o disfarce do controle moral. Mesmo sob um discurso de moralidade religiosa, as mulheres são feitas de objetos sexuais, visto que a fertilidade feminina é explorada e o corpo da mulher permanece sujeito ao controle masculino.

Os Comandantes frequentam bordéis clandestinos, onde mulheres são exploradas sexualmente (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 8, temporada 1, min 22:00). Eles também estupram suas Aias mensalmente na Cerimônia, que é um ritual de estupro institucionalizado com o objetivo de procriação (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 1, temporada 1, min 28:10), e às vezes até mais vezes fora desse evento oficial. Outras mulheres, como Marthas e as próprias Esposas, também são vítimas de estupros, pois todas estão em uma posição de vulnerabilidade nessa sociedade onde as leis são estabelecidas pelos homens que detêm o poder.

A instrumentalização do corpo feminino como objeto sexual e reprodutivo em Gileade não foi um acidente, mas uma política deliberadamente planejada pelos fundadores do regime. Um flashback da adaptação televisiva expõe com clareza a discussão entre os Filhos de Jacó, incluindo os futuros Comandantes Pryce, Waterford e Guthrie, sobre como implementar esse sistema:

Comandante Pryce: Devemos tratar essas garotas com respeito, de modo divino, apesar dos pecados de suas vidas anteriores.

Comandante Guthrie: Pryce, vá com calma. Não podemos bancar essa fachada. A raça humana está em risco. O que importa é a eficiência. [...] Todas as mulheres férteis restantes devem ser capturadas e fecundadas pelos de maior nível social, claro.

Comandante Waterford: As esposas jamais aceitariam.

Comandante Pryce: Talvez a esposa devesse estar presente na hora do ato. Não seria tanta violação. Há precedente bíblico.

Comandante Waterford: "Ato" talvez não seja o melhor nome, de uma perspectiva de marca. A "Cerimônia"?

Comandante Guthrie: Melhor. Bom e Divino. As esposas aceitariam esta besteira (The Handmaid's Tale, 2017, episódio 8, temporada 1, min 17:28).

Esse diálogo sintetiza a mecânica de poder em Gileade, expondo os três pilares de sua construção opressiva. Inicialmente, observa-se a utilização de um discurso religioso justificador, expressa em noções como "respeito divino" e "precedente bíblico", que servem para conferir uma justificação moral ao sistema. Em contraponto, manifesta-se uma lógica utilitária, que trata as mulheres de forma despersonalizada, como meros recursos a serem "capturados e fecundados" em nome da eficiência. Por fim, opera-se uma manipulação sociodiscursiva, na qual o ato brutal da violação é rebatizado de "Cerimônia", transformando-o em um ritual sagrado e socialmente palatável.

A conclusão cínica de que "as esposas aceitariam esta besteira" revela que o controle social em Gileade não se sustenta apenas pela força bruta, mas principalmente pela construção de uma narrativa perversa que disfarça a violência extrema sob o pretexto da tradição e da divindade. É precisamente essa lógica que permite a institucionalização do estupro ritualizado e consolida a redução das mulheres à condição de objetos sexuais e biológicos.

O corpo da mulher em Gileade é, portanto, instrumentalizado em nome da religião e da preservação social. As mulheres são reduzidas à sua função reprodutiva e função de ordem, têm sua sexualidade controlada e reprimida, têm sua subjetividade eliminada e são reduzidas a objeto sexual.

5.1.2 As mulheres como objeto biológico

No regime de Gileade, Aias são reduzidas à função de reprodutoras. O corpo delas é tratado como um receptáculo, uma propriedade do Estado e das famílias da elite. Elas são forçadas a participar da Cerimônia, impondo essas mulheres a uma tríplice agressão: a violação inicial, a gestação compulsória e a separação traumática do fruto desse estupro institucionalizado. Um ciclo que se perpetua enquanto persistirem condições biológicas para a concepção.

O sexo por prazer é aceitável apenas para a procriação. Na série televisiva, há o exemplo de Emily/Ofglen que, em certo momento da história, é pega tendo um caso com uma Martha, a qual é morta por traição de gênero. Já Emily/Ofglen, não é morta por ser uma mulher fértil, mas é submetida a uma circuncisão feminina, que é a remoção de parte ou de todos os órgãos sexuais externos femininos (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 3, temporada 1, min 32:41 / 49:11). No caso de Emily/Ofglen, retiraram seu clítoris para ela não sentir mais prazer em atos sexuais considerados pecaminosos. Aias não precisam sentir prazer, pois são apenas objetos biológicos do Estado.

5.1.3 As mulheres como objetos de trabalho

Em Gileade, o Estado divide as mulheres em estamentos — Aias, Esposas, Marthas, Tias, Não-mulheres e Econoesposas — atribuindo a cada grupo uma função social específica. Elas são reduzidas a funções utilitárias, ou seja, sua existência é justificada apenas pelo serviço que podem prestar ao Estado, e não por sua dignidade, subjetividade ou escolha.

As Aias existem exclusivamente para engravidar, ou seja, seus corpos fazem o trabalho de incubadoras. As Marthas são utilizadas para cozinhar, limpar e servir nas casas dos Comandantes (cf. Atwood, 2017, p. 20-22). Mulheres desviantes (como feministas, lésbicas, professoras ou mulheres que cometeram algum delito considerado grave), também chamadas de Não-mulheres, são enviadas para as Colônias, onde realizam trabalhos forçados em condições insalubres, manuseando lixo tóxico (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 5, temporada 2, min 27:41).

As Esposas dos Comandantes exercem um trabalho simbólico e de vigilância, restrito ao espaço doméstico e à manutenção da ordem patriarcal. Nas camadas mais baixas, mulheres são forçadas a acumular funções (doméstica, reprodutiva, sexual), como acontece com as Econoesposas (cf. Atwood, 2017, p. 38).

A partir dessa objetificação, percebe-se também uma violência simbólica, que apaga a individualidade dessas mulheres. Nas camadas mais baixas, como Aias e Marthas, elas perdem seus nomes, sua personalidade, para reforçar ainda mais o propósito delas na sociedade: o de trabalhar, servir e louvar ao Deus da elite.

Tratar as mulheres como objetos de trabalho em *O Conto da Aia* é reduzir sua existência a um papel funcional imposto pelo Estado, sem direito de escolha ou reconhecimento como sujeito. Isso reforça a crítica da obra ao uso do corpo feminino como instrumento político, econômico e ideológico.

5.2 O discurso religioso como elemento de justificação da violência contra as mulheres

No primeiro encontro de Tia Lydia com June, ela faz um monólogo para as mulheres que acabaram de chegar ao Centro Vermelho, com o propósito de doutrinar as futuras Aias com as crenças da nova sociedade e fazê-las aceitar seus destinos. Ela, se referindo às mulheres antes do regime, diz:

Elas eram mulheres sujas. Elas eram putas. Mas vocês são garotas especiais. A fertilidade é um dom que veio diretamente de Deus. Ele deixou vocês intactas por um propósito bíblico. Como Bila serviu Raquel, vocês garotas vão servir os Líderes dos Fiéis, e as esposas estéreis deles. Vocês vão gerar crianças para eles. Vocês são tão sortudas! Tão privilegiadas! (The Handmaid's Tale, 2017, episódio 1, temporada 1, min 17:47 - 18:25).

De acordo com Possenti (2012), ao utilizar a língua os indivíduos sempre fazem uma tomada de posição, que pode ser negativa ou positiva; ela nunca é neutra ou transparente. Esse posicionamento se destaca nesta fala da personagem Tia Lydia e é possível identificar o discurso misógino quando ela usa termos pejorativos como “putas” e “sujas” que inferiorizam a figura feminina. Pode-se identificar, ainda, a criação de uma dicotomia na fala “Mas vocês são garotas especiais”, a conjunção “mas” traz a ideia de adversidade, de algo que é diferente, e o adjetivo “especiais” reforça essa ideia, incitando a rivalidade feminina e hierarquizando as mulheres.

Observa-se também o discurso manipulador de Tia Lydia ao justificar a exploração sexual como um propósito de Deus, utilizando Raquel, esposa de Jacó na Bíblia, e Bila, sua escrava, como exemplos. A violência disfarçada de religião em Gileade é muito presente. Em outra cena, que é mostrada em um dos primeiros flashbacks da primeira temporada da série, que também é narrada no

livro, June está deitada de frente para sua melhor amiga Moira no dormitório do Centro Vermelho. Elas acabaram de ouvir Janine, uma das futuras Aias que chegou no Centro Vermelho junto de June, chegando ao dormitório.

Quando June e Moira olham para Janine, percebem que ela está com um curativo no olho. June então pergunta a Moira o que fizeram com ela e a amiga responde: “Se teu olho direito te escandalizar, arranque-o”. Nós somos reprodutoras. Nós não precisamos de olhos para isso” (The Handmaid’s Tale, 2017, episódio 1, temporada 1, min 21:59). Arrancaram o olho de Janine como punição por contrariar a Tia Lydia.

Todas as punições em Gileade são justificadas com alguma passagem da Bíblia, passagens essas que são selecionadas e adaptadas para servir aos interesses do regime. Por isso, Moira cita essa passagem Bíblica do Novo Testamento, mais especificamente no evangelho de Mateus 5:29 que diz: “Portanto, se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno.”.

Esse trecho se refere ao Sermão da Montanha, em que Jesus usa uma linguagem figurada para falar sobre a importância de evitar o pecado, mesmo que isso exija ações drásticas. Apesar de comportar várias interpretações, a ideia da passagem não é de automutilação literal, mas de se afastar de qualquer coisa que possa levar ao pecado. Em Gileade, sempre conseguem utilizar a religião e o texto da Bíblia para justificar e legitimar violências, principalmente contra as mulheres. Essa prática evidencia o caráter fundamentalista do regime, que depende precisamente da manipulação de preceitos religiosos para legitimar seu projeto político de controle totalitário.

Outro diálogo que ilustra essa dinâmica ocorre em uma cena durante uma festa organizada para receber representantes do governo do México, que, supostamente, estão interessados em negociar com a República de Gileade algumas mulheres reprodutoras (cf. The Handmaid’s Tale, 2017, episódio 6, temporada 1, min 26:24). As Aias estão paradas em fila na porta, antes de entrar no salão. Serena, a Esposa do Comandante Waterford, pede para que Tia Lydia, responsável pelas Aias, remova as danificadas, se referindo às Aias que perderam membros, possuem marcas de queimadura ou cicatrizes que deixam explícito a violência que ocorre em Gileade. E, obedecendo a hierarquia vigente, Tia Lydia cumpre a ordem que lhe foi passada, retirando do local as Aias consideradas danificadas.

A fala de Serena revela um critério de exclusão baseado na estética e na ordem simbólica sobre qualquer senso de justiça ou dignidade individual. Tia Lydia, mesmo sendo retratada como uma mulher

perversa, aparenta acreditar genuinamente no que o regime propõe e justifica a violência que ela e todos cometem como uma forma de alcançar o objetivo geral, que é a procriação, gerar crianças e povoar Gileade e o mundo. Tia Lydia também fala sobre honrar as Aias, dizendo: “Sra. Waterford. Seja lá a punição que essas garotas sofreram, foi para um bem maior, e elas merecem ser honradas como todas” (The Handmaid’s Tale, 2017, episódio 6, temporada 1, min 27:59). Esse discurso mascara a opressão com a aparência de respeito e dever, mas há ali quem realmente acredite nele.

Na obra, algumas das Tias que exercem o controle são verdadeiras crentes e acham que estão fazendo um favor às Aias, já que assim pelo menos elas não foram enviadas para limpar resíduos tóxicos. Algumas Marthas, e até mesmo as próprias Aias, também aparentam acreditar que a existência das Aias é justificada apenas pela capacidade de gerar filhos para a elite estéril de Gileade. Ter essa capacidade no mundo em que elas vivem, onde há a baixa taxa de natalidade, é, para muitos, uma missão sagrada para dar continuidade ao plano de Deus e à sociedade.

5.3 A violência social

A obra expõe o contexto que motivou os Filhos de Jacó a tomarem o poder nos Estados Unidos. A República de Gileade se levanta sobre os fundamentos das raízes do puritanismo do século XVII, em um desejo de reforma religiosa mais profunda, buscando uma Igreja e sociedades mais puras, baseadas nos ensinamentos da Bíblia e livre das práticas consideradas católicas romanas.

No contexto da obra de Atwood, a população nos EUA e no mundo está em declínio por causa da poluição ambiental e da crise de natalidade. A partir disso, inicia-se uma onda de violência social, composta inicialmente por protestos de cristãos e outros grupos contrários ao aborto, que também defendiam que o papel da mulher deveria restringir-se ao âmbito doméstico, limitando-se a ser esposa e mãe, e consideravam pecaminoso o trabalho feminino e uma vida fora desses padrões.

Serena Joy escreveu um livro chamado *O lugar da mulher*, que serviu de propaganda para o que levou ao golpe de Estado. Não se fala exatamente sobre esse livro em *O Conto da Aia*, mas pelo contexto supõe-se que ele defende justamente que a mulher deve levar uma vida tradicional e cristã, não fazer abortos e se cuidar para não ter abortos espontâneos, por conta da crise ambiental.

A burguesia e os líderes religiosos se apegam aqui à velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada, exigindo a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça.

Serena foi uma importante porta-voz para o movimento e foi violentada por ele independentemente. Quando o golpe de Estado ocorreu, ela própria começou a perder seus direitos. Serena perdeu suas roupas, teve seus próprios livros levados (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 6, temporada 1, min 40:00), foi impedida de ler e escrever, perdeu a influência que tinha na sociedade e o poder de fala que ela tinha na sociedade que tanto condenava.

Quando o regime totalitário começou a se instaurar, as mulheres já começaram a perder seus direitos. Elas perderam seus empregos, seu dinheiro, seu direito de ir e vir, foram relegadas à periferia doméstica e ficaram dependentes da figura masculina mais próxima da família. Depois do golpe, elas foram perseguidas, afastadas de suas famílias, presas e privadas de comunicação com tudo e todos.

A imposição de limites à mobilidade e à liberdade de escolha da mulher em Gileade, seja por meio da relegação ao espaço doméstico, da negação do direito de sair de casa ou do país, ou da obrigatoriedade de exercer apenas determinadas funções sociais de acordo com seu estamento, configura diferentes formas de violência de gênero que podem ser classificadas como psicológica, patrimonial e estrutural. Até as Esposas da elite, que são consideradas merecedoras da maternidade, também se encontram encarceradas no lar.

A privação dessas mulheres de terem independência financeira, tornando-as vulneráveis à dependência e à exploração, configura como violência econômica. Elas não só perderam seus empregos, tendo suas rendas cortadas, mas tiveram seus cartões e linhas de telefone cancelados, perderam acesso a suas contas no banco, as quais apenas o marido ou a figura masculina mais próxima podia ter acesso (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 3, temporada 1, min 04:09).

A violência simbólica contra as mulheres se manifesta de maneira sutil e contínua por meio de elementos como as cores dos uniformes e a linguagem ritualizada. As cores das vestimentas — como o vermelho das Aias, associado ao sangue menstrual e à fertilidade, e o verde das Marthas, que remete ao trabalho doméstico — não apenas identificam as funções de cada grupo, mas também anulam a individualidade das mulheres e reforçam a rígida hierarquia de gênero imposta pelo regime.

Essa padronização visual é acompanhada por um vocabulário impregnado de frases bíblicas prontas, utilizadas como forma de controle e doutrinação: expressões como “bendito seja o fruto”, “que

o Senhor possa abrir”, “que a paz esteja com você” e “sob o Olho Dele” são repetidas mecanicamente pelas personagens e refletem a imposição de uma linguagem religiosa esvaziada de sentido pessoal.

O cerceamento da fala é uma forma de violência que atinge tanto o plano simbólico quanto o psicológico, ferindo a dignidade e a autonomia das mulheres nessa sociedade. Simbolicamente, representa uma negação do direito de existir e participar do diálogo social. Ao naturalizar essas expressões, Gileade silencia a subjetividade feminina e transforma a comunicação em mais um instrumento de submissão. Psicologicamente, gera sentimento de impotência, humilhação e insegurança, o que as leva a se isolar ainda mais e deteriora a saúde mental dessas mulheres.

Assim, tanto os trajes quanto a linguagem religiosa atuam como formas de violência simbólica e psicológica, moldando o comportamento das mulheres e perpetuando um sistema em que elas existem apenas para servir, obedecer e reproduzir.

5.3.1 A violência psicológica

As múltiplas formas de violência a que as mulheres são submetidas em Gileade resultam em traumas profundos e duradouros. A violência psicológica é manifestada na obra através do controle mental, da manipulação, do medo constante e da ameaça de punição, afetando a saúde mental e a identidade das mulheres. Em Gileade, os corpos de pessoas condenadas e executadas são expostos nos muros como forma de intimidação coletiva. Essa prática funciona como um mecanismo de controle social, especialmente sobre as mulheres, e representa uma das manifestações mais explícitas de violência psicológica no regime (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 4, temporada 2, min 38:00).

A tortura psicológica é recorrente e é utilizada como instrumento de dominação (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 1, temporada 2, min 02:47). O regime se vale de elementos afetivos, como familiares, filhos, outras Aias ou qualquer vínculo emocional significativo, para exercer chantagem emocional, garantindo que as mulheres permaneçam subjugadas e reduzidas à condição de objetos funcionais dentro do sistema. Esse tipo de violência ocorre em todos os estamentos, mas os negativamente privilegiados, consequentemente, sofrem mais do que os positivamente privilegiados.

A violência psicológica ocorre de diversas formas, desde violências de gênero a violências institucionais. As Aias, por exemplo, são submetidas a um treinamento rigoroso e violento, que inclui uma lavagem cerebral repleta de traumas físicos e psicológicos. Colocar as mulheres em uma posição

de servir um propósito bíblico também é uma violência psicológica, é manipulá-las através da fé. Até as mulheres que não se consideravam tão religiosas, em certo momento ficam suscetíveis a acreditar e obedecer depois de tantas violências sofridas. Isso reforça a legitimação de todas as violências que elas sofrem, pois é proibido contestar o livro sagrado.

A falta de sororidade entre as mulheres em *O Conto da Aia* é intensificada pelas violências psicológicas que elas cometem entre si, resultado direto de um sistema que as coloca em constante competição e vigilância mútua. As Esposas frequentemente sentem ciúmes das Aias por sua fertilidade e relação com seus maridos, o que gera comportamentos cruéis e punitivos, mesmo sabendo que as Aias não têm escolha sobre sua função. Por outro lado, muitas Aias nutrem raiva e ressentimento pelas Esposas, que ocupam uma posição social mais alta e participam passivamente da opressão que sofrem.

Essa dinâmica cria um ambiente de tensões e hostilidade velada, em que cada mulher enxerga a outra como inimiga ou ameaça. Além disso, o regime estimula a delatéria e a vigilância interna, fazendo com que mulheres ajam como espiãs umas das outras, desconfiando de qualquer desvio de conduta ou pensamento (cf. Atwood, 2017, p. 31). Essa desconfiança generalizada funciona como mecanismo de controle social, impedindo alianças e solidariedade entre elas (cf. Atwood, 2017, p. 63). Ao fazer isso, Gileade fragmenta as relações femininas e destrói qualquer possibilidade de resistência coletiva, transformando a rivalidade forçada em mais uma forma de violência institucionalizada.

5.3.2 A violência sexual

A violência sexual nessa República é naturalizada pelo Estado, não só pela misoginia presente na sociedade, mas também sob o pretexto da reprodução. O estupro é institucionalizado através da Cerimônia, que ocorre uma vez ao mês quando a Aia está em período fértil. Todos os integrantes da casa estão presentes antes do estupro, como parte de um ritual onde todos têm que rezar para que a Aia engravide (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 1, temporada 1, min 28:06).

Antes da cerimônia, o Comandante da casa lê a passagem da Bíblia sobre Raquel oferecendo sua aia Bila para o seu marido ter herdeiros:

Vendo, pois. Raquel que não dava filhos a Jacob, teve Raquel inveja da sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro.

Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre?

E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva, Bila; Entra nela para que tenha filhos sobre os meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela (Gênesis 30,1-3) (BÍBLIA, 2013, p. 34).

A passagem e a leitura servem para legitimar o estupro. As Esposas são coagidas a participar do ritual, o papel delas é deixar o homem entrar no quarto, oferecer a Aia para se deitar com ele e segurá-la em seu colo para que não resista ao estupro e se deixe ser fecundada.

Esse ato de forçar as Aias a terem relações sexuais com os Comandantes para fins reprodutivos é, provavelmente, o exemplo mais contundente de violação sexual na obra. Entretanto, ele também ocorre de forma não ritualística, como forma de punição ou controle. Um exemplo disso ocorre quando a personagem principal, June/Offred, está grávida e entra em trabalho de parto. Todo o ritual do parto acontece, mas acaba sendo um alarme falso. A esposa, Serena, com raiva de June/Offred, convence seu marido a estuprá-la com o pretexto de induzir o parto mais rápido, quando na realidade Serena só estava a punindo June/Offred, violentando-a sexualmente mais uma vez, só que agora com o agravante de gestação (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 10, temporada 2, min 26:05).

A prostituição das mulheres em Gileade, no bordel clandestino chamado casa de Jezabel, também é um exemplo de violência sexual na obra. No bordel, mulheres — muitas delas ex-Aias ou ex-Marthas que fugiram de seus postos — são exploradas sexualmente para o prazer dos Comandantes. A existência das Não-mulheres também exemplifica a violência sexual, física, psicológica e violência institucional contra a liberdade sexual e afetiva das mulheres em Gileade.

Nesses contextos, o sexo assume um papel de instrumento de dominação masculina, sendo usado como forma de submissão e controle do corpo feminino. Trata-se de um ato imposto com violência, marcado pela exploração e pela negação do desejo e da autonomia da mulher. Isso reforça a ideia de que, em Gileade, a mulher só tem valor se for sexualmente funcional — sendo desejável para os Comandantes ou servindo como reprodutoras para a sociedade — ou se for objetos de ordem e trabalho.

5.3.3 A violência física

O sexo, para a mulher e na oficialidade, só é aceito para a procriação, ainda que os homens tenham, de maneira não oficial, prostíbulos para seu prazer. As mulheres pegas tendo relacionamentos ou intercursos são assassinadas ou mandadas para as colônias. Mulheres que são pegas tendo relacionamentos homoafetivos são reduzidas a Não-Mulheres e tratadas como criminosas e pecadoras, pois a homossexualidade é considerada um crime contra os preceitos religiosos e uma ameaça à ordem patriarcal reprodutiva.

Quando as criminosas são Aias, pela sua fertilidade não são executadas, são mutiladas e, em casos extremos, mandadas para as colônias. Um exemplo disso, já citado anteriormente nesse texto, é a personagem Emily/Ofglen que foi pega tendo relação com a Martha de seu posto. A Martha foi morta por enforcamento e Emily/Ofglen teve seu clítoris retirado e foi remanejada para outro posto, já que ainda tinha serventia como reprodutora.

As violências físicas no regime de Gileade incluem estupros, tapas, surras, privação de comida e água, mutilações e uso de *tasers*. As mulheres também são presas como forma de castigos, amarradas para não fugir e têm suas bocas costuradas para não falar (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 6, temporada 3, min 16:54). As colônias são como uma sentença de morte para as mulheres, que são expostas a radiação e outras violências físicas até morrerem. Além dos estupros, tem a violência de fazê-las carregar e gerar uma vida decorrente desse estupro e depois serem afastadas do bebê, configurando uma combinação de violência obstétrica, violência reprodutiva e sequestro institucionalizado.

O livro e a série expõem constantemente como a violência é usada como ferramenta de controle e opressão num sistema totalitário, como o de Gileade. Na série essa violência é mostrada de forma bastante gráfica, destacando as consequências físicas e psicológicas para as mulheres e para a sociedade como um todo.

Outro ritual que demonstra esse tipo de violência em Gileade se chama Particicuição. Nele as Aias participam da execução de uma pessoa acusada de crime contra o regime, muitas vezes por estupro, homossexualidade ou desobediência. Na Particicuição, as Aias se unem para apedrejar a pessoa condenada (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 1, temporada 1, min 43:27). O apedrejamento em si é um ato de extrema brutalidade, que transforma mulheres em instrumentos da execução. A pessoa apedrejada é frequentemente amarrada e morta lentamente, diante de todos.

As Aias são forçadas a participar, sob pena de castigo. Muitas aproveitam o momento para descontar a raiva que sentem do regime, umas sofrem mais que outras ao matar alguém pelo Estado dessa forma. Embora pareça um ato de justiça, é, na verdade, um instrumento de controle social e emocional, que canaliza a raiva das Aias contra alvos definidos pelo Estado. Isso as tornam cúmplices do regime, o que enfraquece a possibilidade de rebelião.

As violências físicas não ocorrem apenas contra mulheres de posições negativamente privilegiadas. Serena, por exemplo, apanha do marido depois de ajudar um bebê que estava doente (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 8, temporada 2, min 39:25). Ela trouxe uma médica — função proibida para uma mulher nessa sociedade — para ajudar o bebê e por isso foi punida a chicotadas. Ela também perdeu o dedo mindinho por ler a Bíblia na frente do conselho de Gileade em uma tentativa, junto de outras Esposas, de convencê-los a deixar suas filhas terem acesso e lerem a Bíblia também (cf. *The Handmaid's Tale*, 2017, episódio 13, temporada 2, min 26:10 / 34:48).

As punições em Gileade, principalmente para as mulheres, ocorrem sem direito à defesa, e o julgamento é uma mera formalidade que confirma a culpa. O fato de a maioria das punições envolverem mutilações mostra também como o controle dos corpos e desejos é uma peça central na lógica de dominação de Gileade.

Algumas pessoas alegam, ao assistir a série, que a violência na obra é tanta, que chega a ser *torture porn*², mas Atwood e Miller afirmam que cada tortura que um personagem sofre na obra, foi sofrida por um ser humano na vida real. Bruce Miller, em entrevista à revista *The Guardian*, alegou justamente que “Se você começa a inventar crueldades contra as mulheres, vira pornografia, então você precisa olhar para o mundo real, onde há muitíssimos exemplos horríveis que podemos usar” (2017, tradução minha). É devido a tamanha verossimilhança entre as violências da obra e da vida real que *O Conto da Aia* se destaca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho partiu do objetivo de analisar como o discurso religioso é instrumentalizado em *O Conto da Aia* para legitimar a objetificação e a violência contra as mulheres, sustentando um regime

² *torture porn* refere-se a obras que mostram cenas de tortura ou sofrimento apenas para chocar ou entreter, sem função narrativa profunda.

teocrático onde a opressão de gênero se torna lei. A análise permitiu concluir que a obra critica a misoginia institucionalizada, que transforma as mulheres em objetos utilitários — reprodutoras, trabalhadoras, esposas e mantenedoras da ordem —, evidenciando que a construção de uma supremacia masculina totalitária depende diretamente da subordinação feminina.

As diferentes formas de violência em Gileade, manifestas tanto na esfera doméstica quanto no plano institucional, mostram como normas culturais, práticas estatais e relações interpessoais se articulam para perpetuar a desigualdade de gênero.

A obra funciona, assim, não apenas como um instrumento de reflexão, mas como uma denúncia. Mais do que uma narrativa sobre um futuro extremo, *O Conto da Aia* nos lembra de que a violência contra as mulheres não se sustenta apenas pela força, mas também pelos discursos que a naturalizam, justificam e legitimam. Reconhecer esses mecanismos é, portanto, condição fundamental para resistir a eles.

Referências

- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. Editora Companhia das Letras, 2009.
- ATWOOD, Margaret. *Moving Targets: Writing with Intent 1982-2004*. House of Anansi, 2004.
- ATWOOD, Margaret. *O Conto da Aia*. Tradução de Ana Deiró. São Paulo: Rocco, 2017.
- Bíblia Sagrada Ave-Maria, 216. ed. São Paulo: Editora Ave- Maria, 1959. (impressão 2021).
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- CAMPOS, Maria Consuelo Cunha. Gênero. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras de crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CARVALHO, Anne Marielle Castro de. *Direitos das mulheres e religião: o horizonte distópico alertado em O conto da Aia*. 2020. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Social) - Universidade Estadual de Montes Claros.
- DIETRICH, Luiz José. *Monoteísmo, diversidades e Direitos Humanos*. Revista Pistis & Praxis, v. 6, n. 3, 2014, p. 773–794. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/revistapistispraxis.06.003.ds02>. Acesso em: 10 abr. 2025.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 32.
- KRÜGER, Luana de Carvalho; MARQUES, Eduardo Marks de. O corpo-objeto em O Conto da Aia – a desperformatização do corpo da mulher no universo distópico do romance. In: Andrei dos Santos Cunha; Cinara Ferreira; Gerson Roberto Neuman; Rita Lenira Bittencourt. (Org). *Ilhas Literárias – Estudos de Transárea*. 1ed. Porto Alegre: Editora do Instituto de Letras UFRGS, 2018, v. .p. 512- 523.
- MATTHEWS, Aisha. *Gender, ontology, and the power of the patriarchy: a postmodern feminist analysis of Octavia Butler's wild seed and Margaret*. Dallas: Routledge, 2018.

MILLER, Bruce. *Elisabeth Moss on The Handmaid's Tale: 'It is a feminist story'*. Entrevistadora: Jane Mulkerrins. The Guardian, 10 jun. 2017. Disponível em: <https://www.theguardian.com/tv-and-radio/2017/jun/10/elisabeth-moss-handmaids-tale-feminist-story>. Acesso em: 06 ago. 2025.

MILLER, Bruce. *The Handmaid's Tale*. [Série de TV]. Hulu, 2017.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes, 1996.

PRIORI, Claudia; FRANÇA, Fabiane Freire (org.). *Gênero, diversidade e cultura: protagonismos e narrativas*. Porto Velho, RO: Edufro, 2022.

POSSENTI, Sírio. *Notas sobre língua, texto e discurso*. In: BRAIT, Beth, e SOUZA-E. SILVA, Maria Cecília. *Texto ou Discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

RIBEIRO, Silvana Mota. *Ser Eva e dever ser Maria: paradigmas do feminino no Cristianismo*. In: Atas do IV Congresso Português de Sociologia, 2000. p. 1-26. Disponível em <https://aps.pt/wpcontent/uploads/2017/08/DPR462e044e77a8b_1.pdf>. Acesso em 4 abr 2025.

SOUSA, Rodrigo Franklin de. *Ideologia e Política no Discurso Religioso*. Projeto de pesquisa (Fundo Mackenzie de Pesquisa – MackPesquisa). Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

Declaração de conflito de interesse

A autora declara que não há conflito de interesse.

Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa

Este estudo não gerou conjuntos de dados primários. Todos os materiais utilizados na pesquisa consistem em obras bibliográficas, documentos e fontes públicas devidamente citados e referenciados ao longo do manuscrito.

Declaração de uso de IA

A autora informa que utilizou a ferramenta de inteligência artificial DeepSeek de forma limitada e ocasional, exclusivamente para auxiliar na revisão de termos e na síntese exploratória de materiais bibliográficos densos. Todas as informações geradas foram checadas manualmente, corrigidas quando necessário e validadas pela autora, que é a única responsável por todo o conteúdo e análise apresentados no trabalho.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.